

O acento latino e o acento em português: do troqueu moraico ao troqueu silábico¹

ISABEL PEREIRA
(Universidade de Coimbra)

O acento latino

O acento latino é exemplo paradigmático de proeminência prosódica determinada pelo peso silábico. Esta sua característica justifica o interesse dos fonólogos e o papel que tem tido no desenvolvimento da fonologia moderna, que continua a discutir algumas questões básicas relativas ao tipo de pé métrico mais adequado para este padrão acentual (veja-se, por exemplo, McCarthy e Prince 1986, Halle e Vergnaud 1987, Kager 1989, Hayes 1995).

Está sobejamente divulgado que o sistema acentual do latim é de tipo quantitativo. A localização do acento principal de palavra depende da estrutura interna da penúltima sílaba, e a regra (sem excepções) pode ser formulada:

1. Acento latino

- * acentuar a penúltima sílaba, se for longa;
- * se a penúltima sílaba for breve, acentuar a antepenúltima.

Além da sua natureza quantitativa, revelada pela influência da estrutura da penúltima sílaba sobre a colocação do acento, pode-se verificar que a localização do acento está confinada ao limite direito da palavra, mas não envolve todas as sílabas finais; existem paroxítonos e proparoxítonos, mas não oxítonos (excepto no caso dos monossílabos). Como se podem formalizar estas generalizações?

No modelo métrico de Idsardi (IDSARDI, 1992; HALLE e IDSARDI, 1995), esta regra pode formalizar-se de uma maneira simples e com elevado grau de adequação. Trata-se de um modelo de grelha com constituintes, que tem na base as concepções teóricas de HALLE e VERGNAUD 1987, mas propõe uma forma mais simples e eficaz de construção da grelha. Como qualquer modelo métrico, tem como mecanismo básico a projecção, que pode ser de marcas (representação

métrica das unidades segmentais) ou de parêntesis (que representam limites de constituintes). A projecção de parêntesis, mecanismo original deste modelo, constitui a única forma de colocar na grelha informação sobre a estrutura silábica. Em algumas línguas, há determinadas unidades que não são projectadas na grelha apenas através de uma marca, mas também através de um parêntesis, que irá determinar a subsequente construção da grelha e, logicamente, o seu resultado final.

Para além da projecção, o modelo propõe um conjunto de parâmetros, que as diferentes línguas devem especificar. O parâmetro de marcação de limite (PML), proposto a partir da observação de que a grande maioria das línguas define a posição do acento relativamente aos limites das unidades acentuáveis, permite que se inicie a construção de constituintes na grelha e é, em muitos casos, determinante na localização do acento principal de palavra. O parâmetro de construção iterativa de constituintes (CIC) tem na origem a verificação de que muitas línguas se organizam ritmicamente por alternâncias, geralmente binárias, que têm o acento tónico por referência. O modelo dispõe ainda de um parâmetro de colocação de cabeça, que constitui o interface interno à grelha e consiste na projecção de um constituinte na linha seguinte, através do seu elemento mais proeminente (a cabeça).

Assim, para o latim, e tendo em conta as regularidades expostas em 1., podem propôr-se os seguintes parâmetros (HALLE E IDSARDI, 1995):

2. Parâmetros acentuais do latim

Linha 0	Projecção de sílaba: E	Limite: DED	CIC: E	Cabeça: E
Linha 1		Limite: DDD		Cabeça: D

Na Linha 0, além de projectar uma marca por cada sílaba da palavra², o latim projecta um parêntesis esquerdo por cada sílaba pesada (nesta língua, uma sílaba com vogal longa ou ditongo, ou uma sílaba fechada por consoante, ou seja, uma sílaba com rima ramificada). Esta projecção de parêntesis é o elemento formal que dá conta da natureza quantitativa do acento latino. O parêntesis projectado na Linha 0 por cada sílaba pesada é a única informação sobre a estrutura das unidades segmentais inscrita na grelha.

O PML coloca um parêntesis direito à esquerda do elemento mais à direita da palavra, marcando, portanto, o limite final de um constituinte. Esta especificação paramétrica tem como resultado a exclusão da última sílaba da computação métrica (o latim não tem oxítonos polissilábicos). O CIC, sendo uma regra direccionada, ao ser especificado como esquerdo, vai construir constituintes binários a partir do limite direito da palavra, através da colocação de parêntesis esquerdos, de dois em dois elementos. Vejamos como a parametrização funciona, através das seguintes derivações:

3. Linha 0	Projecção: E	x x x x	x x (x x
		reprimitur	reprimuntur
	Limite:DED	x x x)x	x x (x) x
		reprimitur	reprimuntur

	Cabeça: E	x x (x x)x reprimitur	x x (x x (x) x reprimuntur
Linha 1	Limite: DDD	x x) x (x x)x reprimitur	x x x) (x x (x) x reprimuntur

A forma *reprimitur*, como não possui sílabas pesadas³, apenas projecta marcas na Linha 0 da grelha. Já *reprimuntur* tem a penúltima sílaba pesada, por isso, projecta também um parêntesis esquerdo para essa sílaba, o que vai ser determinante na atribuição do acento tónico. Ao ser aplicado o PML, no primeiro caso, o parêntesis que este coloca vai limitar à direita um constituinte cujo limite esquerdo será o resultado da aplicação posterior de CIC; no segundo caso, a aplicação do PML vai fechar um constituinte composto apenas por uma sílaba. Em *reprimitur*, o acento será o resultado da aplicação dos restantes parâmetros e é atribuído à antepenúltima sílaba da palavra, uma vez que foi construído um pé binário cuja proeminência é à esquerda (troqueu); em *reprimuntur*, o último pé da palavra é constituído apenas por um elemento, característica resultante da projecção inicial de um parêntesis pela penúltima sílaba, pesada. A posterior aplicação de CIC e os pés binários por ele construídos não desempenham qualquer papel na atribuição do acento tónico, uma vez que este é sempre a cabeça do constituinte mais à direita. Desta forma, o acento vai para a penúltima sílaba sempre que ela for pesada.

O acento em Português

O algoritmo acentual do latim não se manteve nas línguas românicas, que, em geral, "herdaram" a sílaba tónica latina, numa demonstração da afirmação de Diomedes «est accentus uelut anima vocis». A sílaba tónica, alma da palavra, que, segundo J. J. Nunes se conservou «com uma tenacidade verdadeiramente pasmosa» (NUNES, 1989, 33) determina a forma de evolução dos vocábulos. Assim refere este autor, numa prosa bem expressiva, a luta das palavras contra o tempo: «a arma mais forte que os auxiliou nessa batalha incessante foi o acento tónico; resistindo aos rudes golpes do seu terrível inimigo, o tempo, conseguiu salvar uma grande parte do corpo de que ele era a alma, deixando embo-ra no campo de batalha muitos dos seus membros perdidos e desconjuntados» (IDEM, *Ibidem*, 32).

Na evolução do latim para as diferentes línguas românicas, tiveram lugar vários fenómenos fonológicos, que ajudaram a "desconjuntar" os membros das palavras. Desses processos destacamos três, pela sua importância na localização do acento tónico dentro da palavra: a perda do valor fonológico da quantidade vocálica, a síncope e a apócope.

As alterações provocadas por estes fenómenos têm como resultado, nas línguas românicas, padrões acentuais distintos do original latino, que só podem ser

determinados por distintos algoritmos de atribuição de acento. Assim, a perda do valor fonológico da quantidade vocálica vai alterar profundamente os sistemas acentuais, que deixam de ser quantitativos⁴. Os fenómenos de síncope e apócope alteram a posição da sílaba acentuada relativamente ao limite direito da palavra. Por isso surgem, nas línguas românicas, oxítonos, e muitos dos proparoxítonos latinos passam a paroxítonos.

A actuação destes processos de evolução fonética tem como resultado, em português, um sistema acentual em que outras regularidades, de um tipo diferente, se verificam. Vejamos alguns exemplos representativos do funcionamento deste sistema⁵:

4.	a) peruca	b) bordel	c) sofá	d) sílaba	e) açúcar
	abade	elixir	balancé	lêndea	ténis
	fanico	arroz	organdi	hóspede	clímax
	lagoa	delfim	chilindró	cágado	fórum
	açorda	colesterol	Belzebu	vácuo	táxi

Atentemos, em primeiro lugar, nos exemplos de 4.a)-c), onde encontramos formas terminadas em vogal átona (4.a)), consoante (4.b)) ou vogal tónica (4.c)). A diferença entre estes três tipos de vocábulos reside na sua composição morfológica. Em 4.a), temos formas constituídas por um radical e um marcador de classe (a vogal átona final); em 4.b) e 4.c), temos formas constituídas apenas por um radical que, no primeiro caso, termina em consoante, no segundo, em vogal. Note-se ainda que, nos exemplos de 4.a), que possuem marcador de classe, o acento tónico se encontra na penúltima sílaba; nos de 4.b) e 4.c), que não possuem marcador de classe, sobre a última. Estes são os casos não marcados de acentuação em português.

Estas observações permitem-nos estabelecer uma generalização relativamente à acentuação dos não-verbos⁶: em português, o acento tónico encontra-se sobre a última vogal do radical. Assim sendo, a acentuação em português é, até certo ponto, morfológicamente determinada. Se esta for a generalização mais adequada sobre o acento de não-verbos, parece-nos legítimo, então, considerar o radical derivado como domínio de atribuição do acento. A parametrização que, a seguir, propomos para o português actuará sobre o radical, e não sobre a palavra na sua totalidade.

5. Parâmetros acentuais do português

Linha 0	Limite: EED	CIC: E	Cabeça: E
Linha 1	Limite: DDD		Cabeça: D

A especificação paramétrica apresentada em 5. permite um tratamento adequado das palavras com acentuação "normal" do português (exemplificadas em 4.a), b) e c)). A especificação do PML proposta vai inserir um parêntesis que marca o limite esquerdo de um constituinte. Como estes parâmetros se aplicam sobre o radical derivado, esta especificação paramétrica garante que a sua últi-

ma sílaba seja sempre a sílaba tónica, uma vez que os constituintes da Linha 0 são trocaicos (cabeça à esquerda). Na Linha 1, cuja parametrização é a responsável pela forma final dos padrões acentuais, a proeminência é à direita, garantindo a colocação do acento no limite direito da unidade acentuável. As derivações que se seguem mostram o resultado da sua aplicação a três formas representativas desses padrões acentuais:

6. Projecção	x x	x x	x x
	peruc a	bordel	sofá
Limite:EED	x(x	x (x	x(x
	peruc]a	bordel	sofá
Cabeça: E	x	x	x
	x(x	x (x	x(x
	peruc a	bordel	sofá

Na primeira parte da derivação, projectam-se as sílabas na Linha 0. O português, não sendo um sistema quantitativo, apenas projecta marcas, que representam unidades segmentais - as sílabas. Ao contrário do latim, não projecta parêntesis, porque a estrutura silábica não tem qualquer influência sobre a colocação do acento.

O PML vai colocar um parêntesis esquerdo à esquerda do elemento mais à direita do radical derivado, fazendo com que esse elemento (que representa a última sílaba do radical) seja o primeiro do constituinte em que se integra. Como, em português, a cabeça do constituinte da Linha 0 (pé) se encontra à esquerda, a última sílaba do radical será sempre projectada na Linha 1. Aplicados os parâmetros da Linha 1, verifica-se que essa sílaba será sempre acentuada. A diferença entre *peruca*, por um lado, e *bordel* e *sofá*, por outro, reside no facto de o primeiro exemplo ter marcador de classe, ficando, por isso, o acento na penúltima sílaba; nos outros dois exemplos, que não possuem marcador de classe, o acento encontra-se na última sílaba. A homogeneidade de tratamento das oxítonas e proparoxítonas é conseguida porque é o radical derivado, e não a palavra, o domínio de atribuição acentual.

Os exemplos de 4.d) e 4.e) são representativos dos casos marcados de acentuação em português. A diferença entre os dois tipos de formas reside, mais uma vez, na sua composição morfológica: nas de 4.d) existe um marcador de classe, as de 4.e) não o possuem. Este facto é responsável pela diferente posição do acento relativamente ao limite direito da palavra: na antepenúltima sílaba, no primeiro caso, na penúltima, no segundo. No entanto, trata-se do mesmo tipo de marcação acentual - o acento encontra-se na penúltima sílaba do radical.

No modelo de análise aqui utilizado, a marcação lexical corresponde a uma marcação especial do PML, que, para estes casos, será:

7. Casos marcados

Limite: DDD

Um radical com o limite lexicalmente marcado é portador de um parêntesis na representação de base. Em português, a existência de um PML lexical implica que não seja aplicado o PML normal. Todos os outros parâmetros funcionam da mesma maneira, como se pode ver em:

8. Projecção	x x)	x x x)
Limite: DDD	silab]a	açúcar]
CIC: E	(x x)	x (x x)
	sílab]a	açúcar]
Cabeça: E	x	x
	(x x)	x (x x)
	sílab]a	açúcar]

No início da derivação, projectamos as sílabas na Linha 0, ao mesmo tempo que colocamos o parêntesis do limite lexical. A aplicação de CIC vai permitir a construção de um constituinte binário no limite direito do radical, porque o parêntesis esquerdo por ele colocado fecha o constituinte aberto pelo parêntesis lexical. A colocação da cabeça na Linha 1 - à esquerda -, associada à aplicação dos restantes parâmetros, leva a que a penúltima vogal do radical seja acentuada. Se a palavra possuir marcador de classe, será uma proparoxítona, se não o possuir, tratar-se-á de uma paroxítona.

Considerações finais

Os sistemas acentuais do latim e do português apresentam consideráveis diferenças, a mais importante das quais consiste no facto de um deles ser um sistema quantitativo, enquanto o outro o não é. No latim, a atribuição do acento é determinada exclusivamente por factores fonológicos. Em português, as regularidades acentuais só podem encontrar-se recorrendo a informação morfológica. Formalmente, esta diferença obtem-se de forma simples: o latim projecta na grelha informação sobre a estrutura fonológica segmental; o português introduz informação morfológica nas regras de atribuição de acento ao estabelecer o radical derivado como domínio acentual.

Existem ainda outras distinções entre os dois sistemas: o português tem casos marcados, o latim não apresenta excepções à regra acentual; o português, ao contrário do latim, possui oxítonos. São o resultado dos processos de evolução já referidos e, formalmente, são captados através da marcação lexical, no primeiro caso, de uma diferente especificação do PML, no segundo.

Mantiveram-se, no entanto, algumas características, das quais a mais importante é, sem dúvida, a relação de proeminência dentro do pé. Quer numa língua,

quer na outra, o pé básico é o troqueu, quantitativo, num caso, não quantitativo, no outro. Também as especificações paramétricas da Linha 1 são semelhantes nas duas línguas, veiculando as semelhanças relativas ao facto de a colocação do acento estar confinada às três últimas sílabas da palavra.

NOTAS

- ¹ A utilização das designações *troqueu moraico* e *troqueu silábico* não implica uma escolha teórica (a teoria moraica de Hayes 1995), é apenas uma designação simples para um determinado tipo de pé (com proeminência à esquerda) num determinado tipo de sistema acentual (quantitativo ou não quantitativo).
- ² Entendemos palavra como a forma composta pelo radical derivado e todos os morfemas flexionais.
- ³ Na verdade, a palavra possui uma sílaba pesada, a última (-tur). No entanto, dado que não há polissílabos oxítonos em latim, para evitar a projecção de sílabas finais pesadas, esta língua possui um filtro, com a forma "Evitar x(x#)" (ver HALLE e IDSARDI, 1995).
- ⁴ Existem estudos sobre os sistemas acentuais de certas línguas românicas que propõem análises quantitativas. No caso do português, existem também propostas nesse sentido (BISOL, 1993, 1994 e MASSINI-CAGLIARI, 1995). Parece-nos, no entanto, que, uma vez que a quantidade silábica não desempenha qualquer outra função na fonologia do português, não é razoável pensar que ela é determinante na localização do acento.
- ⁵ Neste trabalho, temos em consideração apenas os não-verbos em português. É comummente aceite que verbos e não-verbos constituem dois sistemas acentuais diferentes. Também neste aspecto o português difere do latim, cuja regra de acento é comum a todo o tipo de palavras.
- ⁶ Em MATEUS 1983 defende-se também esta posição.

BIBLIOGRAFIA

- BISOL, Leda (1993) - «The stress in Portuguese», In: *Actas do Workshop sobre Fonologia*, Coimbra.
 (1994) - «O acento e o pé binário», *Letras de Hoje*, nº 98, 25-36.
- HALLE, M. e J.-R. VERGNAUD (1987) - *An Essay on Stress*, Cambridge, MA: MIT Press.
- HALLE, M. e W. IDSARDI (1995) - «General Properties of Stress and Metrical Structure», J. GOLD-SMITH (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*, Cambridge, MA: Basil Blackell.
- HAYES, B. (1995) - *Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies*, Chicago: Univ. of Chicago Press.
- IDSARDI, W. (1992) - *The Computation of Prosody*, Tese de doutoramento, MIT.
- KAGER, R. (1989) - *A Metrical Theory of Stress and Destressing in English and Dutch*, Dordrecht: Foris.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1995) - *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico*, Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.
- MATEUS, M. H. M. (1983) - «O acento de palavra em português: nova proposta», *Boletim de Filologia*, Tomo XXVIII, 211-229.
- McCARTHY, J. e A. PRINCE (1986) - «Prosodic Morphology», manuscrito, Univ. de Massachusetts e Brandeis.
- NUNES, J. J. (1919) - *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 9ª ed., Lisboa: Clássica Editora, 1989.